

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA - UNB
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO - FAC
CURSO DE COMUNICAÇÃO ORGANIZACIONAL

GABRIELA GOMES MAGALHÃES

ATELIÊ 8
um curta documentário sobre Xilogravura

Brasília - DF
2022

GABRIELA GOMES MAGALHÃES

ATELIÊ 8
um curta documentário sobre Xilogravura

Memorial de produto apresentado ao Curso de Comunicação Organizacional da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Comunicação Social com habilitação em Comunicação Organizacional.

Orientador: Prof. Me. Carlos Henrique Novis

Brasília - DF
2022

GABRIELA GOMES MAGALHÃES

ATELIÊ 8
UM CURTA DOCUMENTÁRIO SOBRE XILOGRAVURA

Memorial de produto apresentado ao Curso de Comunicação Organizacional da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Comunicação Social com habilitação em Comunicação Organizacional.

Aprovado pela Banca Examinadora em ____ Setembro de 2022.

Prof. Me. Carlos Henrique Novis
Orientador - FAC/UnB

Prof^a. Ma. Érika Bauer de Oliveira
Membro - FAC/UnB

Prof^a. Dra. Dácia Ibiapina da Silva
Membro - FAC/UnB

Prof. Dr. Felipe da Silva Polydoro
Suplente - FAC/UnB

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, gostaria de agradecer aos meus pais, Josicleia Gomes e Gontron Magalhães Júnior, por toda compreensão e carinho, por sempre reforçarem a importância da educação para o meu crescimento e por me apoiarem incondicionalmente durante toda a minha saga universitária e todas as trocas de curso até a chegada desse grande momento que tanto aguardávamos.

Ao meu avô, Gontron Magalhães, que me ensinou a arte do bom humor, a sempre ver o lado bom da vida e aproveitá-la do nosso jeito.

Aos meus amigos da Faculdade de Comunicação, Catarina Negreiros, Fernanda Gouveia, Gabriela Furtado, Isadora Martins e João Gabriel Gomes, que estiveram comigo do início ao fim, vivendo ao meu lado todas as experiências que a UnB pode nos proporcionar.

Aos amigos que fiz durante o período da Empresa Júnior Facto, especialmente à Ana Laura Pinheiro, Ingrid Santos, Giuliana Abade e Yuri Araújo, que tornaram essa experiência muito especial e dividiram comigo os momentos bons e ruins da vivência de uma diretoria.

À Duda Ribeiro, Juliana Eichler, Leonardo Gomes, Nicolau Ferraz e Rafael Araruna, por terem se unido tanto a ponto de nos tornarmos uma "grande família" e por trazerem tantos momentos de alegria para os meus dias.

À Juliana Lopes, Gabriel Motta, Gustavo Leão e Laura Gouvea, amigos que mantenho na minha vida desde o ensino médio e que, por todo esse tempo, estiveram presentes.

Ao Gabriel Esteves, Gleyka Vieira e Mihalís Yacalos por me ajudarem na produção desse projeto, fornecendo equipamentos e me incentivando.

Ao meu orientador, Caíque Novis, que acreditou nesse projeto desde o começo, me deu confiança nos momentos em que eu pensei que não seria possível e me forneceu todo o suporte possível durante a realização deste TCC.

Ao professor Luiz Gallina Neto, por ter aceitado participar deste projeto, pela paciência e dedicação e pelos ensinamentos e trocas sobre Xilogravura e sobre Arte.

Finalmente, agradeço à Universidade de Brasília e a todos os professores que me ensinaram tanto durante toda a graduação.

RESUMO

Este é o memorial descritivo do projeto “Ateliê 8: um curta documentário sobre Xilogravura”, projeto final para conclusão do curso de Comunicação Social, com habilitação em Comunicação Organizacional, da Universidade de Brasília. O produto deste projeto é um curta documentário que conta a história da Xilogravura e seu significado a partir da experiência e do olhar do professor de Xilogravura da UnB Luiz Gallina Neto, além de mostrar o processo da produção e impressão de uma gravura feita a partir de uma matriz de madeira produzida especialmente para este curta documentário. Neste memorial encontram-se as etapas de produção do curta documentário e as motivações para a escolha dessa temática como projeto final.

Palavras-chave: Xilogravura; curta-metragem; documentário; técnicas de impressão; gravura.

ABSTRACT

This is the descriptive memorial of the project “Atelier 8: a short documentary about Woodcut”, final project for the conclusion of the Social Communication course, with qualification in Organizational Communication, at the University of Brasília. The product of this project is a short documentary that tells the history of Woodcut and its meaning from the experience and perspective of the professor of woodcutting at UnB, Luiz Gallina Neto, in addition to showing the process of production and printing of an engraving made from of a wooden matrix produced especially for this short documentary. In this memorial are the stages of production of the short documentary and the motivations for choosing this theme as a final project.

Keywords: Woodcut; short film; documentary; printing techniques; engraving.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Xilogravuras da exposição de Mirian Inês no Museu Nacional.....	16
Figura 2 - Obras da exposição de Fayga Ostrower no Museu Nacional.....	17
Figura 3 - Tatuagem da artista e tatuadora Flora Ramos.....	18
Figura 4 - Desenho da prensa sobre a matriz de madeira.....	21
Figura 5 - Entalhe da matriz de madeira.....	22
Figura 6 - Impressão de gravura com colher de pau.....	23
Figura 7 - Impressão de gravura em prensa de rosca.....	23
Figura 8 - Impressão de gravura em prensa de cilindro.....	24
Figura 9 - Gravuras impressas antes da secagem.....	24
Figura 10 - Gravuras impressas após a secagem.....	25

SUMÁRIO

Introdução.....	9
Justificativa.....	10
Objetivos.....	11
Referencial Teórico.....	12
Técnicas de impressão de gravura.....	12
História da Xilogravura.....	13
Xilogravura no Brasil.....	15
Processo de produção do Curta Documentário.....	16
Pré-produção.....	16
Produção.....	19
Dia 1 - 13/07/2022.....	19
Dia 2 - 15/07/2022.....	20
Dia 3 - 20/07/2022.....	21
Dia 4 - 22/07/2022.....	22
Dia 5 - 25/07/2022.....	24
Pós-produção.....	26
Conclusão.....	27
Bibliografia.....	28

1. Introdução

O tema deste projeto surgiu devido à minha vontade de estudar e pesquisar algo que está presente na minha vida há muitos anos: a arte. Desde sempre, esse foi o caminho que escolhi para me expressar e também para entender melhor o que sou e o que estava à minha volta. Seja com desenhos ou pinturas, seja com vídeos ou fotos, ou até mesmo textos, é a arte que traduz melhor tudo o que se passa dentro de mim.

Hoje, trabalhando com Design, me vejo cercada de inúmeras referências, principalmente digitais, produzidas com softwares que nos permitem errar e consertar tudo de forma muito rápida, além de manipular técnicas que por vezes não são viáveis no mundo real. Foi a partir dessa experiência que procurei me conectar mais com os tipos de produções analógicas essencialmente manuais.

O processo de criação de Samico é meticuloso e demorado, e ele já levou até um ano para a finalização de uma única gravura. Recentemente, ele disse, numa rara palestra em que discorreu longamente sobre o seu trabalho, que poderia fazer três, quatro, ou quantas gravuras quisesse em um ano. Mas isso, ficou claro, era apenas prova do seu bom humor. Na verdade, antes do desenho definitivo na madeira, são feitos inúmeros estudos preparatórios, variações de detalhes, experimentações em diversos tamanhos, inversões, supressões, tudo geralmente começando em pequenos papéis até chegar à obra que será impressa. Esse trabalho, em geral, leva meses. Em cada versão há mudanças às vezes radicais, sempre buscando um equilíbrio obsessivo. O tempo, em seu processo, tem uma razão peculiar. Quando uma vez perguntei a Samico por que o tempo para a realização de uma gravura era incerto e, dos primeiros estudos até a impressão, poderia levar até um ano, ele respondeu: “Eu não sei trabalhar com prazos, sob pressão. Tenho medo de enlouquecer”. Então percebi que ele não se referia ao tempo como duração, mas como razão de sua liberdade. (EID e LEAL, 2012, p. 14)

O pernambucano Gilvan Samico (1928 - 2013) foi um gravurista considerado por muitos estudiosos como um dos maiores representantes da Xilogravura brasileira, e foram seus trabalhos e a sua história que muito influenciaram minha forma de ver as suas e outras obras de arte. Conhecer o processo de um trabalho artístico te dá novos olhares sobre o resultado final, e foi disso que nasceu o curta "Ateliê 8". A partir dos registros do trabalho do professor do Instituto de Artes (IDA) da Universidade de Brasília (UnB) Luiz Gallina Neto, este projeto pretende mostrar para o espectador a técnica, a história, e, principalmente, o significado da Xilogravura da visão de um artista e professor.

2. Justificativa

De acordo com uma pesquisa realizada pelo Itaú Cultural, em parceria com o Datafolha, em Junho de 2021, o consumo de atividades culturais pela internet cresceu para 67% dos brasileiros. Para 56% deles, o interesse por atividades culturais online aumentou.¹ O desenvolvimento deste projeto faz parte de uma tentativa de levar mais um tipo de conteúdo cultural para o público, disseminando o conhecimento sobre Artes Plásticas com foco na Xilogravura.

É importante lembrar que a Xilogravura no território brasileiro foi por muito tempo atrelada à literatura de cordel e a seus artistas nordestinos, como José Costa Leite e J. Borges, mas, a partir da década de 1950, a produção xilográfica ganhou mais autonomia em relação ao cordel, indo para outras partes do território nacional, adquirindo traços da estética expressionista europeia com as obras de Livio Abramo e da artista Tarsila do Amaral. Sendo assim, o curta pretende falar da história da Xilogravura sob uma perspectiva mais geral, abrindo a possibilidade de explorar, em uma possível continuação, essa difusão da técnica por outras regiões do Brasil.

A escolha do formato desse produto como um curta documentário se deu pela chance de produzir algo com baixo custo financeiro e que pode utilizar meios de disseminação com custos praticamente inexistentes, como a internet. Além do que, a partir da definição de Bill Nichols, este seria o melhor formato para retratar algo a partir do meu próprio ponto de vista.

O documentário fala de situações e acontecimentos que envolvem pessoas reais (atores sociais) que se apresentam para nós como elas mesmas em histórias que transmitem uma proposta, ou ponto de vista, plausível sobre as vidas, as situações e os acontecimentos representados. O ponto de vista particular do cineasta molda essa história numa maneira de ver o mundo histórico diretamente, e não numa alegoria fictícia. (NICHOLS, 2016, p. 37)

¹ ITAÚ CULTURAL; DATAFOLHA, Hábitos Culturais II, São Paulo: Painel de Dados - IC, 2021.

3. Objetivos

O curta documentário "Ateliê 8" tem como objetivo geral apresentar a Xilogravura não somente como um produto final, uma obra; mas como um processo, de forma poética e apreciativa. Além disso, o curta pretende contar um pedaço da história da Xilogravura pelo olhar do professor Luiz Gallina Neto e da sua relação com a gravura.

Os objetivos específicos são produzir um curta documentário de qualidade com recursos básicos, utilizando essa oportunidade também para aprofundar meus conhecimentos dentro do Audiovisual e das Artes Plásticas, e despertar a curiosidade e interesse dos espectadores pela Xilogravura.

4. Referencial Teórico

4.1. Técnicas de impressão de gravura

De acordo com a definição do dicionário Michaelis, *gravar* pode ter diversas definições:

1. Usar instrumento cortante (buril, faca, goiva, cinzel etc.) para traçar imagens sobre matéria dura (metal, madeira, vidro, osso etc.) por meio de corte, sulco ou talhe, ou, ainda, da aplicação de um reagente químico, obtendo-se, desse modo, uma matriz com a qual se farão cópias por processos gráficos; 2. Reter na memória, lembrar, memorizar, recordar; 3. Assinar ou marcar com selo ou ferrete.²

Mas a definição poética de Antônio Costella explica muito melhor o que é gravar pelo olhar de um artista: gravar é deixar uma marca no mundo e, às vezes, deixar uma marca na História (COSTELLA, 1984, p. 8).

A gravação pode ser feita de duas formas: diretamente na obra final ou por meio de uma matriz. Quando o resultado da gravação é o próprio produto (como uma gravação numa peça de cerâmica ou numa joia), recebe o nome de gravação direta. A outra forma de se obter uma gravura é pela impressão por meio de uma matriz. Ela se divide em dois tipos: a impressão a seco e a impressão com tinta. Como exemplo da impressão a seco, temos o processo de timbragem, que produz a marca deixando um relevo no papel. Já como exemplo da impressão com tintas, podemos trazer um exemplo simples, que é o carimbo, usado no dia a dia por diversos profissionais. É nesse universo da impressão com tinta que vamos desdobrar os principais métodos de impressão de gravuras.

De acordo com Costella, são quatro os principais processos de impressão que marcaram e continuam a marcar a História: impressão em relevo, impressão a entalhe, impressão plana e impressão por permeação.³

A impressão em relevo funciona a partir da transferência da parte tintada de uma matriz para uma superfície. As partes que não foram retiradas da matriz formarão a gravura, sendo assim, de onde é retirado material, será o branco do papel; as partes que permanecem intactas darão a forma da gravura no papel. A

² <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/gravar/>

³ COSTELLA, Antonio, Introdução à Gravura e História da Xilografia, Campos do Jordão: Editora Mantiqueira, p. 10, 1984.

Xilogravura é a forma mais tradicional e popular da impressão em relevo, mas ela também pode ser feita a partir de matrizes de metal trabalhadas a buril, a punção ou com ácidos.⁴

Funcionando como o inverso da impressão em relevo, a impressão a entalhe transfere, por pressão, a tinta que fica nos sulcos entalhados, ou seja, de onde se retira o material se farão as partes impressas, e as partes que se mantêm na matriz ficam em branco. A calcografia é a representante principal desse tipo de impressão, sendo essa a técnica de gravar em metais (geralmente cobre ou zinco) de forma mecânica (buril, ponta seca e maneira negra) ou química (água-forte e água-tinta).

A impressão plana utiliza o fenômeno químico da repulsão entre a água e a gordura para obter a gravura, sendo assim, as partes com e sem tinta estão no mesmo plano. A técnica que representa esse tipo de impressão é a litografia, que utiliza uma matriz porosa para fazer a gravação. Resumidamente, faz-se o desenho na matriz com uma ferramenta gordurosa, como lápis ou bastão oleoso, que vai definir quais são as partes que receberão tinta depois que a matriz for "aguada".

E, por fim, temos a impressão por permeação. Nesse processo, a tinta atravessa a matriz, que funciona como um molde. A matriz é feita de uma tela, de seda ou nylon, esticada em um bastidor. A partir de um processo químico, a matriz vai ter partes permeáveis e impermeáveis que vão, respectivamente, definir a cor e o branco no papel.

4.2. História da Xilogravura

A Xilogravura (de "xylon", do grego, *madeira*; "graphein", também do grego, *escrever*) é uma técnica de gravura que consiste em talhar uma matriz de madeira, geralmente com materiais como goivas, facas e formões, que, em seguida, é coberta por uma camada de tinta e assim pode ser usada para estampar papéis ou tecidos. Não se sabe exatamente quem foi o seu inventor ou onde surgiu, mas de acordo com Hashimoto (1992, p. 75), "sua origem encontra-se ligada à impressão sobre tecido, tendo sido praticada pelos egípcios, pelos indianos e pelos persas, tendo também sido encontrada na América pré-colombiana, na China e no Japão". A Xilogravura passa para o papel por volta do século VIII. Segundo Costella (1984, p.

⁴COSTELLA, Antonio, Introdução à Gravura e História da Xilografia, Campos do Jordão: Editora Mantiqueira, p. 13, 1984.

35), se tratam de orações budistas impressas no Japão por volta do ano 770, sendo somente textos. A gravura com figura mais antiga pertence a uma Sutra budista do ano de 868. Posteriormente, no século XII, a Xilogravura surge na Europa, tendo uma tela impressa em Siegburg, na Alemanha, como a obra mais antiga como o uso da técnica no continente.

Dentro dos mosteiros, por volta do século XIII, a Xilografia foi utilizada para reproduzir as imagens dos santos na produção de gravuras que seriam vendidas como indulgências — quem as comprava garantia um perdão parcial de seus pecados. Essas impressões originaram um comércio por toda a Europa e acabaram se tornando populares na segunda metade do século XIV. No século XV, a Xilogravura começou a ser utilizada para a fabricação de cartas de baralho e para produzir os primeiros livros impressos da História.

Às gravuras religiosas acrescentavam-se, por vezes, legendas. Em dado momento, várias folhas, conectadas por um relato coerente, foram reunidas formando um caderno. A impressão, então, era usualmente anopistógrafa, isto é, feita só de um lado da folha. (...) Para evitar o verso nu, borrado ou simplesmente em branco, as folhas eram coladas duas a duas, verso contra verso, de modo a restarem visíveis somente os anteverços, todos estampados. (...) As legendas, no início, foram manuscritas. Com o passar do tempo, acabaram sendo gravadas também, esculpindo-se-lhes as letras na mesma prancha que já continha o desenho. Foi assim, com a reprodução tabulária também da escrita, que surgiram os primeiros livros impressos. (COSTELLA, 1984, p. 39-40)

Ainda que, no mesmo século, a tipografia tenha substituído os textos xilográficos, as ilustrações se mantiveram até o fim do século XVI. Durante todo esse período, a Xilogravura foi se aprimorando e se desenvolvendo na forma utilitária, cumprindo a função de ilustrar os textos. Mas, conforme Costella (1984, p. 45), "os gravadores, a par de cumprir a explicação do texto, embrenharam-se aos poucos em preocupações de composição e desenho", e assim a Xilogravura dá seus passos em direção à arte. Com a série do "Apocalipse" (1498), o pintor alemão Albrecht Dürer introduz a Xilografia definitivamente no campo da arte. No aspecto artístico, o período de ouro do entalhe em madeira está compreendido entre 1855 a 1975 (COSTELLA, 1984, p. 64). O formato utilitário da Xilogravura chegaria ao fim com a invenção da fotografia, mas sua função artística continuaria fortemente.

Durante a primeira metade do século XX, a Xilografia viveu como atividade essencialmente artística com o fauvismo francês e o expressionismo alemão, onde

teve sua maior associação com uma corrente artística. Com o surgimento de novos movimentos na arte, a Xilogravura passa a depender de talentos individuais.

4.3. Xilogravura no Brasil

No Brasil, a Xilogravura chega no início do século XIX, com a instalação da Corte portuguesa no Rio de Janeiro após sua fuga das invasões napoleônicas, quando trouxe consigo a maquinaria para a Imprensa Régia. Em meados do século XIX, se inicia um processo de interiorização e a Xilogravura finalmente chega ao Nordeste.

A interiorização foi fundamental para o surgimento do folheto de cordel, impresso que partia de um cânone oral, de forte divulgação no Nordeste brasileiro. Esta Indústria Cultural popular, na antecipação do conceito frankfurtiano de Adorno e Horkheimer e sua recontextualização sertaneja, passou a recorrer à xilogravura para a elaboração de capas dos folhetos de feira, o que evidenciou o aspecto de encomenda e deu argumentos para os que defendem este viés utilitário que vai marcar toda a trajetória desta manifestação de cunho popular. (CARVALHO, 1955, p. 144)

Quando a tradição oral, que se manifestava como repentes ou pelejas de viola contando as histórias e "causos" populares nordestinos, ganhou o formato de literatura de cordel, a Xilogravura passou a ser um meio de expressão artística e um recurso da atividade editorial para ganhar agilidade e dar conta da expectativa dos leitores por novos títulos (CARVALHO, 1955, p. 149).

Por um tempo, os artistas eram limitados pelas temáticas e pautas das encomendas, mas foi por meio da Universidade Federal do Ceará (UFC), por volta dos anos 1960, que a Xilogravura começou a ter um *status* de obra de arte. Primeiramente, a instituição recolheu cerca de 400 matrizes, formando um dos maiores acervos desse campo, e depois fez a encomenda de diversos 'álbuns', que geralmente tinham temáticas religiosas ou retratavam figuras da mitologia regional, como Luiz Gonzaga e Lampião, e promoveu exposições pela Europa. Daí em diante, a Xilogravura tomou forma em capas de livros, calendários, cartazes, convites, agendas, cartões de natal e de visitas, além de objeto de monografias, artigos em publicações acadêmicas e jornalísticas.⁵

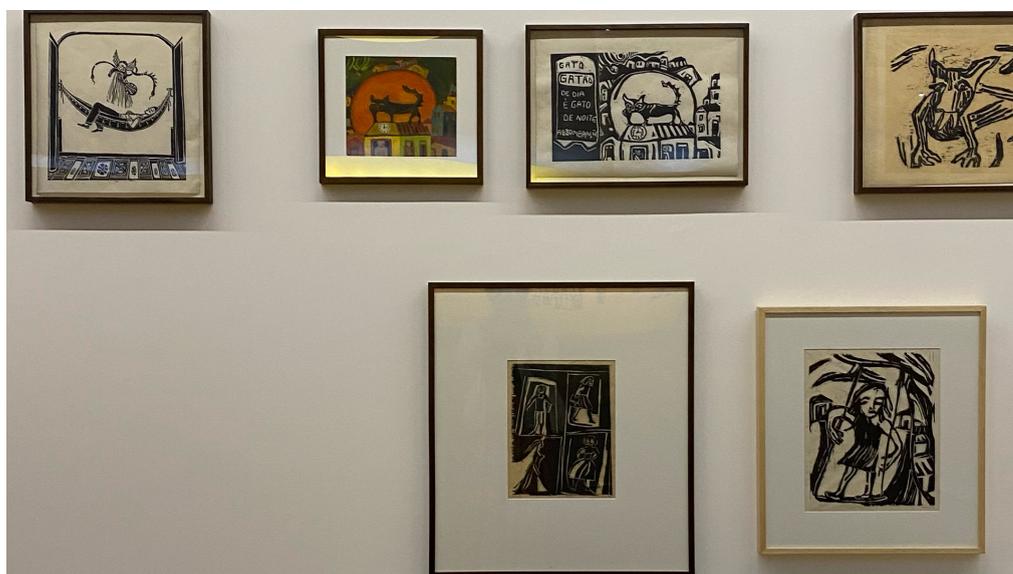
⁵ CARVALHO, Gilmar de, Xilogravura: Os Percursos da Criação Popular, Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, n. 39, p. 155, 1995.

5. Processo de produção do Curta Documentário

5.1. Pré-produção

Durante todo o período de isolamento da pandemia da Covid-19, me apoiei na arte, em todas as suas formas, para me manter minimamente sã durante tanto tempo. Assisti a muitos filmes, ouvi horas e horas de música, procurei exposições online para conhecer. Gravei, fotografei e escrevi sobre todos os pequenos detalhes da "nova rotina". Com a chegada do Pré-Projeto de Conclusão do Curso, pensei em diversos temas e assuntos que passaram por mim durante esses dois anos e nenhum deles poderia significar tanto quanto falar de Arte, especialmente sobre as Artes Visuais. Durante o período de reuniões na disciplina de Pré-Projeto da Faculdade de Comunicação, em dezembro de 2021, frequentei algumas exposições do Museu Nacional da República e uma delas foi a das artistas Mirian Inês da Silva e Fayga Ostrower, duas grandes gravuristas brasileiras.

Figura 1 - Xilogravuras da exposição de Mirian Inês no Museu Nacional



Fonte: Própria autora.

Figura 2 - Obras da exposição de Fayga Ostrower no Museu Nacional



Fonte: Própria autora.

A partir daí, comecei a pesquisar mais sobre gravuras e descobri as obras de Gilvan Samico e as populares gravuras de J. Borges. Foi então que decidi que o tema abordado não poderia ser outro que não a Xilogravura.

Decidido o tema, precisava pensar em qual formato ele seria desdobrado. Tendo como certeza que meu Trabalho de Conclusão de Curso seria um produto, pensei em fazer um site ou criar uma revista abordando o assunto, mas, devido ao meu apego com o Audiovisual, o meu então professor, Felipe Polydoro, sugeriu que fosse feito um curta sobre o tema e achei a ideia ótima.

A ideia inicial do curta documentário seria explorar e registrar de forma poética a relação de três gravuristas nordestinos residentes no Distrito Federal com a Xilogravura, buscando destacar como essa produção artística se manifestava como uma construção de identidade cultural e pertencimento regional. No entanto, devido à curta duração do semestre, a busca pelos personagens teria de ser breve. Fui a algumas galerias de arte de Brasília e consegui alguns contatos, porém a maioria deles não residia em Brasília. Conversando com meu orientador, o professor Caíque Novis, mostrei o trabalho da tatuadora Flora Ramos, que reside em São Paulo e faz tatuagens usando a técnica e estética da Xilogravura brasileira. Mande um e-mail para ela contando do interesse que tinha em fazer um curta documentário sobre Xilogravura, destacando como o trabalho dela traz uma nova visão e aplicação da técnica e perguntando se ela concordaria em ser a personagem principal.

Infelizmente, ela estava com a agenda cheia até o fim do ano e disse que não poderia se comprometer com mais nada.

Figura 3 - Tatuagem da artista e tatuadora Flora Ramos



Fonte: Flora Matos via Instagram (<https://www.instagram.com/p/CgKqYL9P-VM/>).

Assim, voltei a buscar mais contatos. Durante a visita à Galeria Oto Reifschneider, conheci o Vinícius Maroli, que me forneceu o contato do professor da disciplina de Xilogravura da UnB, Luiz Gallina Neto. Troquei algumas mensagens com ele contando sobre a minha ideia do TCC e a busca por gravuristas locais. Marquei de encontrá-lo no ateliê 8 do Instituto de Arte (IDA) para falar mais sobre o assunto e mapear possíveis artistas que pudessem fazer parte do projeto. Luiz Gallina nasceu na cidade de São Paulo no ano de 1953 e veio morar em Brasília aos 16 anos. Se graduou em Comunicação Social pela Universidade de Brasília em

1975 e começou a lecionar na universidade em 1994. Em 2004 concluiu seu mestrado em Poéticas Contemporâneas.⁶ Gallina é artista, gravador e marceneiro.

Conversando com meu orientador sobre o Luiz, decidimos que o próprio professor poderia ser o personagem que eu buscava. A partir daí o roteiro foi repensado para contar um pouco mais sobre a Xilogravura em si e a experiência e vivência do professor Gallina nessa trajetória e o seu olhar sobre a técnica. No dia seguinte à reunião de orientação, liguei para o Gallina para convidá-lo a ser o personagem do meu curta e expliquei qual seria a ideia: eu iria acompanhar as suas aulas, faríamos uma entrevista e, se fosse possível, gostaria de acompanhar o processo desde a concepção até a impressão de uma gravura. Ele prontamente aceitou o convite e se dispôs a produzir uma Xilogravura especialmente para o curta.

Tendo, enfim, o personagem e o novo roteiro em mente, comecei a buscar referências de direção de arte e roteiros de curtas documentários direcionados para conteúdos artísticos e também de assuntos diversos, além de referências teóricas sobre Xilogravura e Documentário, tanto para a entrevista que seria feita, quanto para a execução e montagem do produto, além de auxiliar na produção deste memorial.

Para iniciar as filmagens, contei com a ajuda dos amigos Gleyka Vieira e Mihalis Yacalos, que me emprestaram os equipamentos necessários para as gravações e para a captação do áudio da entrevista: uma câmera Canon EOS 6D, um tripé e um microfone de lapela. Para captar algumas imagens em *slow motion* que a minha câmera não seria capaz de fazer, convidei Gabriel Esteves, que conheci por conta do Mihalis.

5.2. Produção

A) Dia 1 - 13/07/2022

No primeiro dia de filmagem, fui ao ateliê 8 do IDA e levei a câmera para fazer algumas imagens de cobertura. Aproveitei para acompanhar a aula e fui me familiarizando com o ambiente, a iluminação do ateliê, as ferramentas, os alunos e a forma como eles interagem durante a aula. Acompanhei a turma das 10h às 11h40 e pude ver como era a dinâmica da aula. Para trazer a sensação de estar acompanhando o processo como ele é, tentei fazer com que minhas intervenções

⁶ <https://brasiliamemoriaeinvencao.com/luiz-gallina-neto/>

fossem mínimas, deixando tanto o professor quanto os alunos à vontade para agirem e conversarem sobre o que quisessem, com o intuito de captar diálogos espontâneos e genuínos. Conversei com o professor Gallina sobre os planos para as próximas aulas para podermos nos programar quanto às etapas da gravação da matriz e a impressão da gravura. Acertamos que a cada encontro faríamos uma etapa: o desenho, o entalhe e por fim a impressão. No último dia seria feita a entrevista. Percebi que minhas imagens tinham ficado um pouco trêmulas devido ao meu nervosismo e decidi que devia chamar alguém com mais experiência para me ajudar com algumas imagens que não conseguiria gravar com o tripé.

B) Dia 2 - 15/07/2022

O segundo dia foi destinado para a filmagem do processo do desenho na matriz. Nesse dia perguntei ao professor Gallina se seria possível acompanhar a gravação da matriz dos alunos para colocar no curta, mas ele me disse que esse processo por parte deles iria ocorrer perto do fim do semestre, sendo assim, provavelmente já teria passado meu prazo de entrega do projeto para a banca. Primeiramente, a ideia do desenho seria fazer uma gravura minha, mas, como eu teria que fazer a gravação, não seria possível. Então ele decidiu fazer a gravura da prensa de cilindro que tem no ateliê. Primeiramente ele fez um rascunho no papel, para depois começar a fazer os traços definitivos na matriz. Nesse dia fiz as imagens com a ajuda do tripé para evitar que as imagens ficassem tremidas. Gravei, além do processo do desenho, alguns diálogos do professor com os alunos, pois percebi que ter essas dúvidas e comentários no curta poderia ser interessante. Mais tarde, no mesmo dia, tive uma reunião de trabalho com meu amigo Mihalis Yacalos, que me apresentou um outro amigo dele, Gabriel Esteves, que iria nos ajudar em um projeto pessoal. Esteves é videomaker, e perguntei se ele poderia me auxiliar na captação de algumas imagens mais próximas e em *slow motion* no processo do entalhe e também na edição final do curta. Prontamente ele se colocou à disposição para me ajudar no que fosse possível e combinamos a data da próxima gravação.

Figura 4 - Desenho da prensa sobre a matriz de madeira



Fonte: Própria autora.

C) Dia 3 - 20/07/2022

Eu e Esteves chegamos cedo ao ateliê, mas a aula ainda não tinha começado e a sala estava fechada. Aproveitei para explicar como eu gostaria que fossem as imagens, mas também o deixei livre para fazer outras imagens do jeito que achasse melhor porque confio muito no trabalho dele. Assim que o professor Gallina chegou, apresentei ele para o Esteves e começamos a nos preparar para filmar. O professor nos mostrou o desenho finalizado na matriz e, antes de começar a gravar, chamou os alunos para observar o entalhe. Enquanto o Esteves estava fazendo as imagens do processo, eu filmava alguns diálogos entre os alunos e o professor. Me atentei às conversas e às trocas porque sabia que elas também seriam importantes na hora da entrevista e para a montagem do curta. Foi assim que pensei também que o documentário deveria falar com quem tem uma curiosidade inicial, com quem está começando a ter contato com a Xilogravura. Perto do fim das gravações, um dos alunos teve a ideia de colocar música para tocar, já que o professor tinha comentado que ouve música enquanto entalha. No fim da aula, peguei as imagens que o Esteves tinha feito para começar a separar os *takes* que poderiam ser usados.

Figura 5 - Entalhe da matriz de madeira

Fonte: Gabriel Esteves.

D) Dia 4 - 22/07/2022

No quarto dia de filmagem, fizemos as imagens da impressão da gravura, que foi feita de três formas: a primeira com a colher de pau; a segunda na prensa de rosca (de parafuso vertical) e a última na prensa de cilindro. Nesse dia, infelizmente, a programação não coincidiu com a agenda do Esteves, então voltei a filmar sozinha, mas não foi um problema porque eu já me sentia mais segura e confortável com o ambiente e também com o equipamento. Ao todo foram feitas quatro impressões, duas em uma única folha, utilizando a técnica com colher de pau e mais duas em cada uma das prensas, em folhas separadas. Depois disso, elas foram colocadas na secadora, e eu veria o resultado final na próxima aula. Foi muito emocionante ver o resultado depois de acompanhar cada etapa do processo. No fim, combinamos de fazer a entrevista na semana seguinte.

Figura 6 - Impressão de gravura com colher de pau



Fonte: Própria autora.

Figura 7 - Impressão de gravura em prensa de rosca



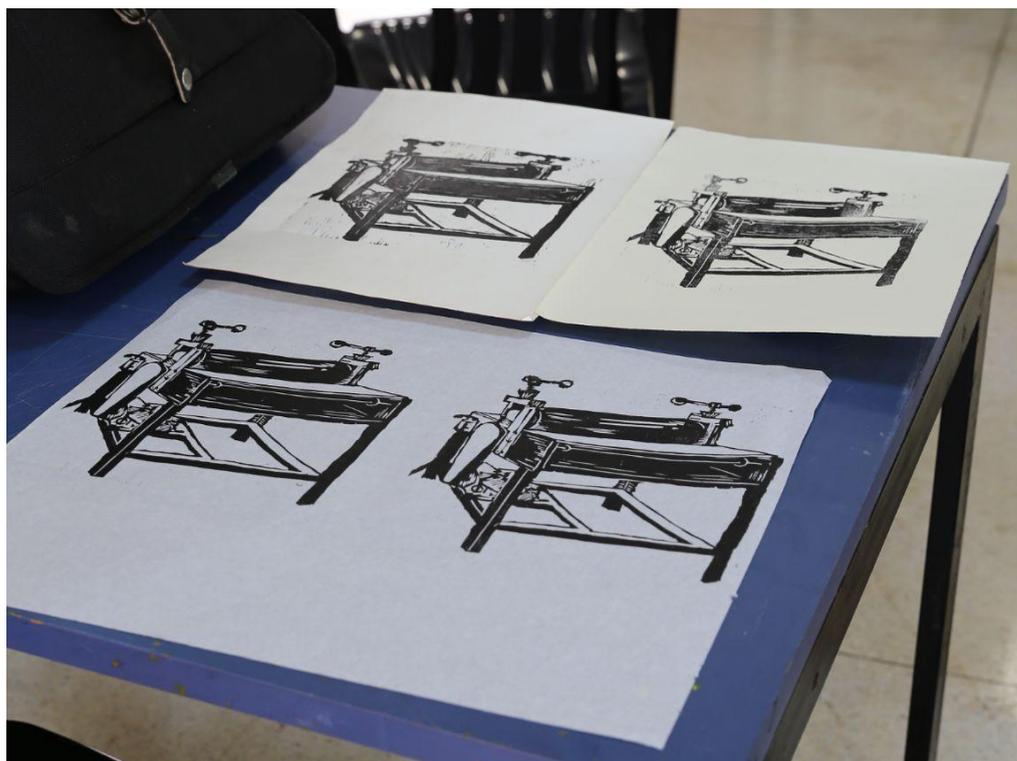
Fonte: Própria autora.

Figura 8 - Impressão de gravura em prensa de cilindro



Fonte: Própria autora.

Figura 9 - Gravuras impressas antes da secagem



Fonte: Própria autora.

E) Dia 5 - 25/07/2022

O quinto e último dia de gravação seria todo dedicado para a entrevista. Antes de começar a gravar, expliquei para o professor Gallina que o curta teria apenas a sua voz, então as minhas perguntas seriam cortadas na edição. Separei algumas

perguntas e disse a ele também que, devido à capacidade do cartão de memória da câmera, tínhamos exatamente 25 minutos para gravar a entrevista. Arrumei a câmera no tripé e coloquei o microfone de lapela preso com fita na borda da mesa. Gravamos as perguntas e, até então, a sensação era de que finalmente tinha terminado tudo, mas, quando fui conferir se o áudio tinha ficado bom, percebi que o microfone não tinha sido ligado e tínhamos que gravar tudo de novo. No momento fiquei um pouco apreensiva e nervosa, mas, como ainda tínhamos um tempo de aula, poderíamos refazer. Sendo assim, decidimos que 10 minutos seriam destinados para perguntas mais gerais sobre Xilogravura — o que é, quando surgiu, um pouco da história — e os outros 10 minutos seriam para falar da trajetória do professor, sobre algumas de suas obras e da sua relação com a Xilogravura. À medida que a conversa acontecia, apareciam algumas perguntas diferentes do planejado, mas nada que fosse muito além do roteiro. Dessa vez o microfone estava ligado e, enfim, as gravações foram finalizadas. Antes de ir embora, perguntei ao professor se poderia levar uma das gravuras para utilizar como abertura do curta e ele prontamente guardou a primeira impressão, que foi feita com a colher de pau, para que eu pudesse levar comigo. Agradei ao professor por toda a troca e colaboração e saí de lá muito feliz de ter conseguido finalizar uma das etapas desse projeto.

Figura 10 - Gravuras impressas após a secagem



Fonte: Própria autora.

5.3. Pós-produção

Começamos a edição do curta quinze dias depois de finalizar as filmagens. Em uma semana assisti novamente a todas as gravações que tínhamos feito e algumas repetidas vezes à entrevista. A ideia inicial era deixar a fala do professor Gallina do começo ao fim do curta, sem pausas, mas vi que faria mais sentido ir mostrando aos poucos o processo da Xilogravura feita para o projeto e intercalar isso com trechos da entrevista. Optei também por não utilizar nenhuma trilha sonora, pois decidi que tinha que explorar os sons do processo. O barulho da caneta deslizando no papel, da goiva tirando os pedaços da madeira no momento do entalhe, do rolo passando na tinta antes de ser aplicado na matriz. Se a princípio eu pensava em utilizar uma trilha que remetesse ao repente e ao forró por conta da primeira ideia do que seria o projeto, agora não fazia mais tanto sentido, pois a essência do curta era o processo da Xilogravura.

Antes de começar a montagem, utilizei uma foto da gravura da prensa para, com a ajuda do Photoshop, fazer a imagem de abertura do curta. Depois disso, separei os vídeos que seriam utilizados e comecei a montar o curta utilizando o Premiere Pro da Adobe. Conversei com o Esteves sobre a edição de cor, som e transições para saber como dividiríamos o trabalho. Depois de baixar uma prévia do vídeo para ver o que precisaria ser arrumado, decidi que não utilizaria nenhum efeito de transição para as imagens. A ideia era utilizar apenas os áudios e antecipá-los (*L cut*)⁷ ou adiantá-los (*J cut*)⁸ para fazer uma transição sutil entre os planos. Tendo feito tudo isso, editei também o som, ajustando o volume e retirando ruídos.

Durante o processo, eu e Esteves tivemos um problema de incompatibilidade de softwares e precisei mandar para ele o vídeo completo em alta resolução para que ele pudesse editar as imagens. Por fim, creditei o vídeo, fiz alguns ajustes na abertura e reutilizei alguns áudios das ferramentas para a parte dos créditos no final.

⁷ O *L cut* é um tipo de corte que acontece quando o áudio do primeiro corte se prolonga e é transferido para o segundo.

⁸ Já o *J cut* é o contrário, ele acontece quando o áudio do segundo corte começa antes, ele é antecipado, o som chega para o espectador antes da imagem.

6. Conclusão

Este projeto me trouxe muitos desafios e também muitos aprendizados. Sendo meu primeiro curta documentário, estive em muitos momentos nervosa e apreensiva, preocupada com o tempo que teria para finalizar o produto e concluir este memorial, tendo em vista que a maior parte do projeto inteiro seria feito somente por mim. Felizmente, pude contar com a ajuda do meu professor orientador e de bons amigos, a gentileza e paciência dos alunos da matéria de Xilogravura do IDA da UnB, além de todo apoio e suporte do professor Luiz Gallina Neto. Todos foram essenciais para tornar esse projeto realidade, seja fornecendo seu tempo, equipamentos ou ensinamentos.

Senti que, dentro dos limites e capacidades de tempo e produção deste projeto, meu objetivo foi cumprido e que, sob o meu olhar, pude registrar todo o processo de produção de uma Xilogravura e repassar um pouco de como funciona essa técnica para outras pessoas e ainda dividir isso com o olhar de um artista plástico.

Ainda durante o processo de decupagem dos vídeos, percebi que as imagens não tinham ficado exatamente como eu imaginava, mas, após todo o trabalho de edição de imagem e som, o resultado foi melhor do que eu esperava.

Este projeto ainda reforçou algo em que sempre acreditei, que é levar de forma mais prática o conhecimento sobre as artes para todas as pessoas, independente de idade ou repertório sobre o assunto. Vendo que isso é possível, tendo prazos e investimentos maiores, esse pode ser o começo de uma série de curtas documentais sobre gravuras e as técnicas de impressão.

7. Bibliografia

CARVALHO, Gilmar de. Xilogravura: Os Percursos da Criação Popular. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, n. 39, p. 143–158, 1995.

Conheça os tipos de cortes e melhore sua técnica de edição. Disponível em: <<https://andresarti.com.br/2016/11/18/melhore-sua-tecnica-de-edicao/>>. Acesso em: 29 ago. 2022.

COSTELLA, Antonio. **Introdução à Gravura e História da Xilografia**. Campos do Jordão: Editora Mantiqueira, 1984.

EID, Vilma; LEAL, Weydson Barros. **Samico | Xilogravuras**. Pinheiros: Galeria Estação, 2012.

Gravar | **Michaelis On-Line.** Disponível em: <<https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/gravar/>>. Acesso em: 30 jul. 2022.

HASHIMOTO, Madalena Natsuko. Desenvolvimento histórico da xilogravura no Japão em confronto com o desenvolvimento da gravura na Europa. **Estudos Japoneses**, v. 12, p. 75–89, 1969. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/ej/article/view/142617>>. Acesso em: 22 ago. 2022.

ITAÚ CULTURAL; DATAFOLHA. **Hábitos Culturais II**. São Paulo: Painel de Dados - IC, 2021. Disponível em: <https://portal-assets.icnetworks.org/uploads/attachment/file/100847/Pesquisa_H%C3%A1bitos_Culturais_-_divulga%C3%A7%C3%A3o_cred.pdf>. Acesso em: 2 set. 2022.

NICHOLS, Bill. **Introdução ao documentário**. 6. ed. Campinas: Papyrus, 2016.

O entalhe do nordeste: Mestre Noza e a xilogravura popular – Blog da BBM. Bbm.usp.br. Disponível em:

<<https://blog.bbm.usp.br/2018/o-entalhe-do-nordeste-mestre-noza-e-a-xilogravura-popular/>>. Acesso em: 27 abr. 2022.